

**CONDIÇÕES DO TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE CRÍTICA EM TEMPOS PANDÊMICOS NA CIDADE DE LONDRINA/PR**

***CONDICIONES DE TRABAJO DOCENTE EN EDUCACIÓN INFANTIL: UN ANÁLISIS CRÍTICO EN TIEMPOS DE PANDEMIA EN LA CIUDAD DE LONDRINA/PR***

***TEACHING WORK CONDITIONS IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: A CRITICAL ANALYSIS OF PANDEMIC TIMES IN THE CITY OF LONDRINA/PR***

Isabela Aparecida Rodrigues COSTA<sup>1</sup>  
Jacqueline Oliveira JOVANOVIČH<sup>2</sup>  
Marta Regina Furlan de OLIVEIRA<sup>3</sup>  
Alex Sander da SILVA<sup>4</sup>

**RESUMO:** Este artigo pretende, a partir de uma perspectiva histórica, explorar as mudanças ocorridas na sociedade a partir da década de 90, analisando, em específico, os reflexos sobre a educação e, conseqüentemente, sobre o trabalho do professor em tempos pandêmicos. Nesta perspectiva, este estudo tem como objetivo compreender quais são os elementos que caracterizam as condições de trabalho docente da Educação Infantil na sociedade contemporânea, em especial, na pandemia. Como processo investigativo, o estudo será pautado em uma pesquisa de abordagem qualitativa, bibliográfica, fundamentando-se no método dialético. As discussões serão baseadas nas pesquisas de Antunes e Alves (2004), Saviani (1984), Marx (2008), entre outros. Ao término do estudo, constatamos que se faz necessário investir na melhoria das condições de trabalho na Educação Infantil, por meio de ações de infraestrutura e de formação continuada, para que o professor possa realizar sua função de forma digna e com o conhecimento das práticas necessárias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação infantil. Trabalho docente. Reestruturação produtiva. Pandemia.

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina – PR – Brasil. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação, no Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3429-760X> E-mail: [isabela.arcosta@gmail.com](mailto:isabela.arcosta@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina – PR – Brasil. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação, no Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5065-522X>, E-mail: [jjovanovich60@hotmail.com](mailto:jjovanovich60@hotmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina – PR – Brasil. Docente do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação. Doutorado em Educação (UEM). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2146-2557>. E-mail: [marta.furlan@yahoo.com.br](mailto:marta.furlan@yahoo.com.br)

<sup>4</sup> Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma – SC – Brasil. Docente do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação. Doutorado em Educação (PUCRS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0945-9075>. E-mail: [alexanders@unesc.net](mailto:alexanders@unesc.net)

**RESUMEN:** Este artículo pretende, desde una perspectiva histórica, explorar los cambios que se han producido en la sociedad desde la década de los años 1990,, analizando, en particular, los efectos en la educación y, en consecuencia, en el trabajo del docente en tiempos de pandemia. En esta perspectiva, este estudio tiene como objetivo comprender cuáles son los elementos que caracterizan las condiciones laborales de los docentes de educación infantil en la sociedad contemporánea, especialmente en la pandemia. Como proceso investigativo, el estudio se basará en una investigación bibliográfica cualitativa, basada en el método dialéctico. Las discusiones se basarán en la investigación de Antunes y Alves (2004), Saviani (1984), Marx (2008), entre otros. Al finalizar el estudio, encontramos que es necesario invertir en el mejoramiento de las condiciones laborales en Educación Infantil, a través de acciones de infraestructura y educación continua para que el docente pueda desempeñar su rol de manera digna y con el conocimiento de prácticas necesarias.

**PALABRAS CLAVE:** Educación infantil. Trabajo docente. Reestructuración productiva. Pandemia.

**ABSTRACT:** This article intends, from a historical perspective, to explore the changes that have taken place in society since the 1990s, analyzing, in particular, the effects on education, and, consequently, on the teacher's work in pandemic times. In this perspective, this study aims to understand what are the elements that characterize the working conditions of early childhood education teachers in contemporary society, especially in the pandemic. As an investigative process, the study will be based on a qualitative, bibliographical research, based on the qualitative, bibliographical research, based on the dialectical method. Discussions will be based on research by Antunes and Alves (2004), Saviani (1984), Marx (2008), among others. At the end of the study, we found that it is necessary to invest in the improvement of working conditions in Early Childhood Education, through infrastructure and continuing education actions so that the teacher can carry out his role in a dignified manner and with the knowledge of practices needed.

**KEYWORDS:** Child education. Teaching work. Productive restructuring. Pandemic.

## Introdução

O presente estudo é fruto das discussões realizadas na disciplina: Educação, formação humana e práxis: implicações do marxismo, da teoria histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica para a educação escolar, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Stricto Sensu da Universidade Estadual de Londrina (UEL), pela Linha de Pesquisa “Docência: Saberes e Práticas” do Núcleo 1: “Formação de Professores”.

A Educação Infantil no Brasil vem ganhando notoriedade no campo de trabalho e no mercado de emprego significativo, sobretudo a partir do início da década de 90, com a sua institucionalização como primeira etapa da Educação Básica e com a implicação dos municípios na oferta pública de creches e pré-escolas.

Sendo assim, o contexto atual é marcado pela reestruturação produtiva do capital, que vem provocando uma intensa mudança no âmbito político, econômico, social e educacional, em especial para a classe trabalhadora. Segundo Harvey (1989), as transformações que atingem a sociedade atualmente resultam da implantação do modelo taylorista e fordista, criando formas para a acumulação flexível, ocorrida a partir da década de 70 por meio da rápida implantação de novas formas organizacionais do trabalho e das tecnologias produtivas, as quais significaram a necessidade de uma nova perspectiva para a formação dos trabalhadores.

Portanto, no contexto de uma sociedade marcada por grandes transformações no mundo do trabalho, torna-se imprescindível um estudo que possa contribuir para uma reflexão acerca das condições de trabalho do professor da Educação Infantil, em especial, em tempos de pandemia, o que nos remete a uma complexa discussão que aproxima o professor e a professora da classe trabalhadora de forma geral, nos termos das condições de trabalho.

Investigar acerca dessa temática impõe-nos alguns questionamentos que nos auxiliam a sistematizar a pesquisa em uma questão, principalmente: de que modo as condições de trabalho dos professores da Educação Infantil refletem possibilidades ou precarizações em sua profissão em tempos de pandemia? Nesta perspectiva, este estudo tem como objetivo compreender quais são os elementos que caracterizam as condições de trabalho docente da Educação Infantil, em especial, na pandemia.

No que se refere aos aspectos teórico-metodológicos, esse estudo se constitui numa pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, fundamentando-se no método dialético, objetivando-se dar uma especial atenção à categoria de totalidade – com isso, à apreensão do objeto em suas múltiplas relações, compreendendo que o objeto aqui analisado é parte de um complexo social unitário. Paulo Netto (2011) aborda que para a concepção marxista é necessário estudar todas as condições de existência das diversas formações sociais. Assim, a pesquisa na área de ciências humanas, nessa perspectiva, parte do todo para o objeto de pesquisa, compreendendo que o objeto a ser analisado é parte de um complexo social unitário.

Desse modo, a organização deste artigo está dividida em dois momentos. O primeiro discute sobre o mundo do trabalho na sociedade capitalista, e como a reestruturação produtiva do capital vem provocando transformações na sociedade, em especial, no âmbito educacional. O segundo visa discutir as condições de trabalho do professor da Educação Infantil, em especial, em tempos pandêmicos. E por fim, objetivará verificar as implicações das condições do trabalho docente na Educação Infantil a partir do levantamento investigativo bibliográfico, correlacionando com as leituras e discussões a respeito da temática.

## Reestruturação do capital: uma análise histórica e reflexiva acerca do trabalho docente

O contexto atual é marcado pelos processos de descentralização, reestruturação produtiva e pela fragmentação do trabalho “[...] adicionada ao incremento tecnológico [...]” (ANTUNES, 2015, p. 39), a fim de possibilitar ao capital mudanças nos aspectos políticos, econômicos, sociais e educacionais.

Segundo Antunes e Alves (2004), a reestruturação produtiva foi um processo que se iniciou na segunda metade do século XX e que correspondeu ao processo de flexibilização nos processos produtivos como condição de superar a crise atribuída ao sistema taylorista-fordista.

Em síntese, a acumulação flexível foi uma nova maneira encontrada pelo capitalismo para superar suas crises e suas contradições internas e, dessa forma, permitir a reprodução do capital e sua concentração entre aqueles que historicamente já acessaram a produção da riqueza na humanidade:

[...] os proprietários de capital compram a força de trabalho de que necessitam para a elaboração de seus produtos e da riqueza geral; os não-proprietários vendem sua força de trabalho, recebendo em troca o salário com que compram os meios de subsistência de que necessitam para continuar trabalhando (JUNIOR, 1990, p. 27).

Nessa perspectiva, a exploração da força de trabalho é revelada pela existência de lucros: na lógica do capital o trabalhador passa a trabalhar mais intensamente, buscando capturar ao máximo a produtividade do trabalho dentro das condições técnicas vigentes. Tal situação significa mais trabalho, mais gasto de energia do trabalhador, resultando na intensificação da exploração da força de trabalho.

O padrão taylorista/fordista no século XX gerou uma forte desqualificação do trabalho, havia diversas tarefas separadas para serem executadas. Ao fragmentar a produção, o trabalhador se vê cada vez mais explorado. Diante disso, Antunes e Alves (2004) afirmam que, por meio desse modelo, os trabalhadores são precarizados no ambiente de trabalho e, no período mais recente da indústria, terceirizados, subcontratados, mal pagos, entre outros.

Com a reestruturação produtiva do capital observamos que a força de trabalho humano foi substituída pelas máquinas, a qual “[...] tem sido possível constatar uma redução do proletariado estável, herdeiro da fase taylorista/fordista (ANTUNES; ALVES, 2004, p. 337).

Para tanto, ao refletirmos sobre o trabalho docente no contexto da nossa sociedade contemporânea, surgem inúmeras inquietações em meio às transformações sociais, políticas, econômicas, culturais e pedagógicas das condições de trabalho.

Historicamente, o trabalho no modo de produção capitalista modifica a natureza e o homem, ao mesmo tempo. Essa produção da existência passa a ser orientada por objetivos que os separam dos produtos desse processo, tomando a força de trabalho como elemento de exploração (SAVIANI, 1984).

Vale salientar que na sociedade capitalista a organização do trabalho se faz mediante a compra e venda da força de trabalho (ALVES, 2000). Nesse sentido, é possível compreender que o trabalho é mais uma mercadoria que o capital se apropriou como forma de criar valores. Questiona-se, desta forma, sendo o trabalho do professor uma mercadoria, qual o seu valor perante esta organização de sociedade capitalista?

Sob essa constatação, podemos inferir que a precarização do trabalho tem seu início na relação que o capital criou para submeter o trabalhador à condição de ser estranho a ele mesmo e ao produto do seu trabalho (MARX, 2008). O professor, sendo um trabalhador desta sociedade capitalista, também se torna estranho ao seu ofício, pois não reconhece sua relevância ao transmitir um conteúdo em aula como possibilidade de influenciar política e ideologicamente uma nova geração. Torna-se estranho ao produto de seu trabalho, ao não identificar as possibilidades que um educando tem por meio de seus novos conhecimentos.

Concomitantemente, como forma de valorização do trabalho do professor, em especial da Educação Infantil, na sociedade capitalista, a estranheza de seu trabalho e do produto de seu trabalho nesta mesma sociedade, considera-se fundamental compreender as condições de trabalho deste profissional. Oliveira e Vieira (2012, p. 156) consideram que a noção de condições de trabalho, em geral, designa

[...] um conjunto de recursos que possibilitam a realização do trabalho, envolvendo as instalações físicas, os materiais e insumos disponíveis, os equipamentos e meios de relação das atividades e outros tipos de apoio necessários, dependendo da natureza da produção. Contudo, as condições de trabalho não se restringem ao plano do posto ou local de trabalho ou a realização em si do processo de trabalho, ou seja, o processo que transforma insumos e matérias-primas em mercadorias, mas diz respeito também às relações de emprego.

Conforme a citação, podemos considerar que as condições de trabalho são interligadas também às relações de emprego ou formas de contratação, remuneração, carreira, estabilidade financeira etc., nesse sentido, o emprego passa a ser uma quantidade de tempo vendida ou trocada por alguma forma de pagamento. As autoras explicam que a relações de emprego variam de acordo com o contexto histórico-geográfico, “[...] podendo apresentar maior ou menor estabilidade dependendo da correlação de forças no âmbito das relações sociais mais amplas” (OLIVEIRA; VIEIRA, 2012, p. 156).

As condições de trabalho docente estão ligadas ao processo de trabalho nos ambientes educacionais, como as escolas, pré-escolas, creches e outros espaços que desenvolvem o processo educativo. Segundo Hypolito (2012), a precarização no trabalho docente está relacionada às questões e condições gerais do trabalho, envolvendo os aspectos físicos, aspectos de ensino e de pessoal, tempo de preparo para atividades de ensino, pressão emocional, valorização ou prestígio profissional, dedicação exclusiva, estímulo de estudos, piso salarial, garantias de reajustes, número de alunos por turma, acompanhamento social de estudantes, dentre outros elementos.

Muitas vezes, as condições de trabalho estão organizadas em

[...] divisão de tarefas e responsabilidades, a jornada de trabalho, os recursos materiais disponíveis para o desempenho das atividades, os tempos e espaços para a realização do trabalho, até as formas de avaliação de desempenho, horários de trabalho, procedimentos didáticos-pedagógicos, admissão e administração as carreiras docentes, condições de remuneração, entre outros (OLIVEIRA e VIEIRA, 2012, p. 157).

Em razão da precarização do trabalho, onde desempenhar o ato de ensinar perde a centralidade em detrimento de outras carências, ocasionadas pela pobreza, a perda da identidade docente passa a ser um dos elementos característicos da precarização do trabalho na rede básica de educação, especialmente em regiões com população de baixa renda.

Isto posto, podemos perceber que o cenário sócio-político-econômico e cultural da sociedade contemporânea apresenta desafios e inquietudes nos que tange ao profissional docente. É neste momento pandêmico que daremos atenção para essa exploração do trabalho que leva o professor à exaustão, provocando sofrimentos e adoecimentos, em especial em tempos de pandemia.

### **Condições do trabalho docente na Educação Infantil em tempos pandêmicos**

Para tratar do trabalho docente na Educação Infantil faz-se necessário a compreensão do conceito de trabalho; diante disso, partimos da concepção marxista, que compreende que o trabalho é uma ação do homem na transformação da natureza para sua sobrevivência e humanização. No modo de produção capitalista o trabalho é caracterizado por contradições, visto que nesse contexto ele se torna uma ação alienada para a reprodução dos interesses do capital (SAVIANI, 2007).

Ao compreendermos o trabalho como um processo educativo, observamos seu caráter positivo, pois, por meio dele, o homem age sobre a natureza, transformando-a e produzindo sua



existência, alçado à condição de ser genérico. Esse trabalho torna-se, portanto, “[...] a objetivação da vida genérica do homem: quando se duplica não apenas na consciência, intelectual[mente], mas operativa, efetiva[mente], contemplando-se, por isso, a si mesmo num mundo criado por ele” (MARX, 2008, p. 85).

Nesse sentido, o homem torna-se livre, consciente e racional, buscando sua emancipação. Diríamos, pois, que o ato de produzir e transformar a natureza para satisfazer suas necessidades humanas é o que conhecemos por trabalho. Dessa forma, a essência humana não é algo natural, e sim produzida pelos homens historicamente por meio do trabalho (SAVIANI, 2007).

Todavia, o trabalho é o ato definidor do homem que busca garantir a sua sobrevivência no mundo capitalista, produzindo sua existência, independentemente de qualquer forma social determinada. Nesta perspectiva, compreende-se que o trabalho é a característica essencial que define o homem em sua totalidade (SAVIANI, 2007).

O trabalhador, na sociedade contemporânea, deixa de produzir para atender suas necessidades vitais e passa a vender sua força de trabalho como mercadoria para garantir a sua subsistência. O trabalho torna-se então alienado, pois tiram dele a satisfação em realizá-lo e o prazer pela função, oferecendo-lhe a exploração e a desvalorização, tornando-se, portanto, um trabalho externo, de autossacrifício e de mortificação (MARX, 2008). Dessa maneira, Antunes e Alves (2004) salientam que “Compreender [...] a classe trabalhadora hoje, de modo ampliado, implica entender este conjunto de seres sociais que vivem da venda da sua força de trabalho, que são assalariados e desprovidos dos meios de produção [...]” (p. 343).

Após discutir, embora de forma resumida, sobre o trabalho na visão de Marx (2008) e Saviani (2007), pensar na questão do professor da Educação Infantil e sua ação como educador, sujeito que busca o conhecimento e leva o conhecimento àqueles que precisam, formando cidadãos críticos que possam se libertar da exploração do trabalho, o professor luta contra o sistema opressor, mas é vencido devido a

[...] uma parafernália técnica admirável para se compreender e enfrentar os desafios sobre o trabalho. No entanto, nada disso é levado em conta quando se pensa em educação. Comprometimento no trabalho, satisfação dos trabalhadores, relacionamentos com a hierarquia, atitudes perante o trabalho, carga mental no trabalho, temas que são triviais em qualquer organização de trabalho sequer são aventados quando se discute a crise da educação brasileira. (CODD, 1999, p. 93).

A exploração do trabalho docente, antes visto por muitos como exclusividade da rede privada de ensino, passa a ganhar mais espaço na rede pública na trágica realidade da pandemia

do Coronavírus. Com o vírus, veio a quarentena, o medo, a ansiedade, o ensino remoto, o trabalho excessivo, a exaustão, a indignação. Em meio ao caos, a sociedade começou a clamar pela volta às aulas, mesmo na condição de 500 mil mortos pela Covid-19, culpando os professores pelo não retorno das aulas presenciais, justificando que os mesmos não queriam trabalhar. Então levantamos a questão: quando os professores deixaram de trabalhar nessa pandemia? Trabalharam e continuam a trabalhar, remotamente, muito mais do que trabalhavam presencialmente nas instituições.

O professor da Educação Infantil enfrenta diversas dificuldades em seu trabalho docente, especialmente se tratando da rede pública de ensino. Em sua rotina escolar, o professor atende até vinte crianças de forma presencial, realiza pesquisas, planejamentos, avaliações, recortes, portfólios, materiais de apoio pedagógico, com o objetivo de tornar suas aulas mais atrativas e produtivas para as crianças. Muitas vezes, os materiais de apoio são custeados pelos próprios professores, pois a instituição não dispõe desses.

As horas trabalhadas na instituição não são suficientes para realizar todas as tarefas de responsabilidade do professor, sendo assim, o mesmo se vê obrigado a levar trabalhos para serem realizados em sua própria casa.

Desde o início ficava claro que, o trabalho do professor era muito mais do que dar aulas (porque tinham que planejá-las e prepará-las) e terminavam muito depois (porque tinham de fazer avaliações e prestar contas do que tinham feito, para as escolas ou para os pais/responsáveis dos alunos, sobre a forma de preenchimento de registros, formulários, cadernetas, e porque tinham de participar de reuniões e outras programações, muitas vezes fora do horário de trabalho). Essas atividades tomavam tempo, obrigando os professores a fazer os trabalhos em casa. Era um trabalho sem limites: não terminava ao fim da jornada, mas invadia toda a vida deles (FERREIRA, 2019, p. 4).

Se no “normal” o trabalho do professor era árduo, agora no contexto pandêmico a situação se agravou. Os professores tiveram que abrir a porta das suas casas para as crianças e suas famílias entrarem, mesmo que virtualmente. O ambiente particular, que antes era considerado de descanso e refúgio, passou a ser chamado de “*home-office*”. Mas não foi só isso, o professor disponibilizou ferramentas tecnológicas de uso pessoal como: computador, câmera, microfone, impressora, internet, luz elétrica, mobiliário, entre outros, para que as aulas remotas pudessem acontecer.

As situações rotineiras de uma casa quando se tornam públicas, como o cuidado de crianças ou a circulação de demais membros familiares, gera uma situação de constrangimento. Além disso, o ensino remoto envolveu adaptações em espaços e mobílias, sem contar que o gasto necessário para o



trabalho recai nas costas dos trabalhadores, como a energia, internet, cadeira etc. (MELITO, 2020)

O ensino remoto trouxe a necessidade de utilizar os recursos digitais, do dia pra noite os professores tiveram que se reinventar, começaram a gravar e editar vídeos, baixar fotos e vídeos, preencher relatórios, ligar e enviar mensagens para as famílias, entre outras tantas tarefas. As horas trabalhadas, que dentro das instituições já não eram suficientes, foram além, intensificando a precarização das condições do trabalho docente.

Para dar conta de todas as tarefas, é necessário realizar atividades fora da jornada formal de trabalho, como gravar aulas, disponibilizá-las em plataformas digitais e atender aluno(a)s por aplicativo como WhatsApp, muitas vezes, em grupos criados pela própria coordenação escolar (SOUZA, 2021, p. 6).

De acordo com Esteve (1999), o professor está sobrecarregado de trabalho, falta tempo para atender as inúmeras responsabilidades que foram se acumulando sobre ele, obrigando-o a realizar uma atividade fragmentária, na qual deve lutar simultaneamente, e em frentes distintas, realizando uma lista de exigências que parece não ter fim.

Saviani e Galvão (2021, p. 39) nos alertam em relação à submissão da força de trabalho sem limite:

Agora, o que impede a generalização desse estágio de aumento do tempo livre para usufruto do lazer e o cultivo do espírito é a apropriação privada dos meios de produção e dos produtos do trabalho, fazendo com que, de meios de libertação dos indivíduos humanos do trabalho pesado e meio de redução do tempo de trabalho socialmente necessário, a tecnologia se converta em instrumento de submissão da força de trabalho a um tempo sem limite, conduzindo o ser humano à exaustão.

O professor que já sentia à “flor da pele” o desrespeito da sociedade em geral, passou a conhecer o desrespeito dentro da própria instituição. Com a pandemia, o desrespeito ficou ainda mais explícito no meio escolar, o não reconhecimento do trabalho docente passou a ser dos próprios gestores e, com isso, as exigências por comprovar que realmente estavam trabalhando em suas casas aumentaram.

Relevante destacar também que esse processo açodado de implementação do ensino remoto contribui para a intensificação do adoecimento docente. Pois, além da pressão e vigilância impostas que podem se configurar em assédio, o uso constante das tecnologias, com as quais nem todos são familiarizados, amplia as possibilidades de adoecimento físico e mental. A elevação da carga de trabalho se dá, ainda, em condições subjetivas desfavoráveis, uma vez que muitas e muitos docentes têm que lidar com o teletrabalho em meio a afazeres domésticos e demandas familiares (INFORMANDES, 2020, p. 12).

Em meio a ataques, desconfianças e injustiças, os professores enfrentam impactos na saúde mental e física. Angústia, medo, ansiedade, nervosismo, esgotamento mental, estresse, irritabilidade, depressão, cansaço, insônia fazem parte dessa nova rotina do professor. Sentimentos que foram desenvolvidos devido à pandemia se agravaram com as condições do trabalho docente.

Espaços de trabalho propulsores de altos índices de desempenho e produtividade, estruturados com base em exigências que cada vez mais extrapolam as capacidades física e mental humanas, não conseguem se manter senão por meio de diferentes e sofisticados mecanismos de controle e coerção. O assédio moral é parte da engrenagem. [...] As práticas dessa natureza são ferramentas de gestão voltadas para garantir, por meio de pressão institucionalizada, tanto o aumento constante da produtividade como o isolamento e a exclusão daqueles que se constituem como “barreiras” para sua plena realização (ANTUNES, 2020, p. 153)

O abuso de poder da gestão nas instituições, impondo e submetendo à classe dos professores as suas vontades, exigindo além daquilo que os professores poderiam realizar dentro da sua jornada de trabalho, tiraram-lhes a voz com um discurso de perda do emprego ou dos seus salários se não o realizassem. “As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes” (MARX; ENGELS, 2007, p. 47)

Nesse contexto em que vidas são tratadas como números, o sofrimento psíquico, a sobrecarga do trabalho, os assédios sofridos no trabalho, entre outras questões, seguem sendo desprezadas. Não é a qualidade do ensino ou a segurança dos atores da escola que é colocada em pauta, mas a ideia de que professores precisam voltar ao seu trabalho para justificar seu salário (NETO; PIRES, 2020, p. 52)

Não sendo suficiente toda a cobrança em cima do professor em relação às aulas remotas, além de trabalhar em sistema de home office, foram convocados a ir presencialmente nas instituições de Londrina/PR ao menos duas vezes na semana, para dar continuidade ao atendimento das crianças, mesmo que remotamente, na instituição.

O ensino remoto é um ensino para o controle. O controle das empresas que aproveitaram o momento para espriar seus elementos privatizantes. O controle dos professores, que têm suas aulas gravadas, sofre assédio de gestores e pais conservadores. O controle dos conteúdos que passam a ser mais fáceis de serem vigiados e, ao mesmo tempo, que são esvaziados de sentido. O controle da classe trabalhadora que passa a ser mais excluída e a ela é, ainda mais, negado o direito de se apropriar do legado histórico-acumulado pela humanidade de modo crítico que questione a realidade posta (NETO; PIRES, 2020, p. 59).

A autonomia do professor foi retirada, o professor que planejava suas aulas e suas ações passou a obedecer e seguir aquilo que seus superiores mandavam. O professor buscou exercer seu direito de cidadão democrático, afinal, a gestão ao qual está inserido se diz democrática, porém, aquele que busca voz, questiona ou resiste às imposições é considerado um empecilho na sociedade capitalista, onde o poder impera. Diante de qualquer resistência do professor, retaliações são acarretadas a fim de silenciar o mesmo e, assim, não lhe tiram só a voz, mas atitudes, transformando o trabalho do professor em uma força produtiva somente por troca de um salário.

Avalio que o enfrentamento do sofrimento do(a) professor(a) demanda um forte investimento na formação para a resistência: resistência contra o ‘sem sentido’ do trabalho docente, resistência contra a certificação massificada; resistência contra a quebra de direitos democráticos e, acima de tudo, resistência contra a conversão das instituições escolares em instituições destinadas à execução acrítica de políticas limitadas aos interesses do Estado burguês. Se tais desafios só poderão ser enfrentados coletivamente, existe outro desafio, e esse sim, sob responsabilidade – Ensino (para o controle) remoto: quase um episódio de Black Mirror de cada professor(a) em particular: resistir à destruição dos mecanismos coletivos de luta! (MARTINS, 2018, p. 141).

Infelizmente, diante de tantas lutas, a resistência do professor está perdendo forças. Várias pesquisas comprovam os inúmeros casos de professores afastados por atestados médicos, desmotivados, frustrados com sua profissão. Assim, o que o professor tem de melhor, o encantamento em ensinar, o prazer em se relacionar com seus alunos e o amor pela docência, acabam sufocados pela falta de valorização e reconhecimento que lhe é de direito, sendo explorado e massacrado também pela sociedade educativa. Fica difícil acreditar que consiga vencer o poder da classe dominante e ser livre para realmente desempenhar o seu papel de educador.

### **Considerações finais**

A condição do trabalho do professor, seja da rede privada ou pública, continua a ser gerida pelo sistema capitalista. O papel do professor, sendo aquele que forma cidadãos críticos dentro das instituições, passa a ser de mero transmissor de conteúdos. Essa exploração do trabalho docente leva o professor à exaustão, provocando sofrimentos e adoecimentos.

No contexto da pandemia da Covid-19 professores fizeram, como sempre, além daquilo que lhes é devido. Transformaram suas casas em salas de aula, utilizaram de recursos próprios para que as aulas continuassem. Em nenhum momento foi questionado a esses professores se

eles precisavam de apoio em suas casas, seja com ferramentas tecnológicas ou mesmo ajuda de custo para internet, luz etc. Mesmo com toda cobrança, excesso de trabalho, falta de conhecimento em lidar com as tecnologias, uma mistura de sentimentos referentes à pandemia e ao abuso de poder das instituições, o professor não mediu esforços para realizar seu trabalho com excelência. Porém, precisamos nos atentar a essa condição de trabalho docente, pois apesar de tudo que o professor faz, não é suficiente, levando o docente a se questionar se realmente vale a pena exercer seu ofício.

Podemos concluir que o capitalismo, conseqüentemente o poder econômico, não tem interesse em formar cidadãos críticos, pensantes e que questionem, pois esses são considerados incômodos para a classe dominante. O professor que apresenta essas características, quando confronta aqueles que impõem à classe trabalhadora excesso de carga de trabalho, acaba sofrendo retaliações que acabam por calá-lo, pois esse depende do trabalho para sua própria sobrevivência.

Triste realidade, que insiste em permanecer com a luta de classes, dominante e dominadora, e que leva aquele que pelo trabalho busca sua liberdade a viver refém de uma sociedade capitalista que não valoriza a essência dos sujeitos.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. **O novo (e precário) mundo do trabalho**: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo. São Paulo: Boitempo editorial, 2000.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2020.

ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21460.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2021.

CODO, Wanderley (org.). **Educação**: carinho e trabalho. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

ESTEVE, José Manoel. **O mal-estar docente**: a sala de aula e a saúde dos professores. Bauru, SP: Edusc, 1999.

FERREIRA, Leda Leal. Lições de professores sobre suas alegrias e dores no trabalho. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35, 2019. DOI: 10.1590/0102-311x00049018

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1989.

HYPOLITO, Álvaro Moreira. Trabalho docente na educação básica no Brasil: as condições de trabalho. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade; VIEIRA, Livia Fraga. **Trabalho na educação básica**: a condição docente em sete estados brasileiros. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2012. p. 211-229.

INFORMANDES. Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior - ANDES-SN. **Ensino remoto em substituição ao presencial?** Tô fora! Informativo n. 106, jul. 2020. Disponível em: [https://issuu.com/andessn/docs/informandes\\_-\\_julho\\_2020\\_-\\_hi](https://issuu.com/andessn/docs/informandes_-_julho_2020_-_hi). Acesso em: 14 julho 2021.

JUNIOR, Celestino Alves da Silva. O trabalho e a escola pública. Concepções e determinações. In: JUNIOR, Celestino Alves da Silva. **A escola pública como local de trabalho**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1990. p. 25-55.

MARTINS, Lígia Márcia. O sofrimento e/ou adoecimento psíquico do (a) professor (a) em um contexto de fragilização da formação humana. **Cadernos Cemarx**, n. 11, p. 127-144, 2018.

MARX, Karl. Trabalho estranhado e propriedade privada. In: MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. 2. ed. São Paulo, SP. Boitempo, 2008. p. 79-90.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). São Paulo: Boitempo, 2007.

MELITO, Leandro. **A precarização do trabalho docente em tempos de ensino remoto**. 2020. Disponível em: <https://www.brasiledefato.com.br/2020/09/28/a-precariizacao-do-trabalho-docente-em-tempos-de-ensino-remoto> Acesso: 10 jun 2021.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NETO, Hélio da Silva Messeder; PIRES, Izadora dos Santos. **Ensino (para o controle) remoto**: quase um episódio de Black Mirror. Fraturas expostas pela pandemia: escritos e experiências em educação. Campos dos Goytacazes, RJ: Encontrografia, 2020. 320 p.

OLIVEIRA, Dalila Andrade; VIEIRA, Livia Fraga. Condições de trabalho docente: uma análise a partir de dados de sete estados brasileiros. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade; VIEIRA, Livia Fraga. **Trabalho na educação básica**: a condição docente em sete estados brasileiros. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2012. p. 153-190.

SAVIANI, Dermeval. Sobre a Natureza e Especificidade da Educação. In: SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**. 9. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1984. p. 11-22.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12 n. 34, jan./abr. 2007.

SAVIANI, Dermerval; GALVÃO, Ana Carolina. **Educação na pandemia**: a falácia do “ensino” remoto. 2021. Disponível em: <https://www.sintese.org.br/download/educacao-na-pandemia-a-falacia-do-ensino-remoto/>. Acesso em: 06 jul. 2021.

SOUZA, Kátia Reis. Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, e00309141, 2021. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00309

### Como referenciar este artigo

COSTA, I. A. R.; JOVANOVIĆH, J. O.; OLIVEIRA, M. R. F.; SILVA, A. S. Condições do trabalho docente na educação infantil: Uma análise crítica em tempos pandêmicos na cidade de Londrina/PR. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, n. esp. 1, p. 0981-0994, mar. 2022. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v17iesp.1.16320>

**Submissão:** 24/11/2021

**Revisões requeridas:** 19/02/2022

**Aprovado em:** 28/02/2022

**Publicado em:** 01/03/2022